



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages
Reche Ontillera, Alberto; Souza, Guilherme Queiroz de; Vianna, Luciano José (Eds.).

Lahís Moreno Gibelato¹

Romance com uma escrava: Relações de gênero em *O Asno de Ouro* de Apuleio

Romance with a slave: Gender relations in *The Golden Ass* of Apuleius

Resumo:

Neste artigo analisamos as relações de gênero apresentadas na obra satírica *O Asno de Ouro* de Apuleio. Entender como essas relações têm sido estudadas na historiografia e nas Ciências Humanas, bem como entender como esse tipo de literatura vem sendo analisada pela historiografia especializada são também aspectos de grande importância do presente estudo. Nesta pesquisa de caráter histórico, levamos em conta o cunho cômico e literário da obra, como também a origem e a condição social do autor, além do contexto social de mudanças em que ele está inserido, pois essas se demonstram como questões essenciais para nossa análise.

Palavras-chave: Relações de gênero; Antiguidade; representação.

Abstract:

This paper analyzes gender relations at the satirical work *The Golden Ass* of Apuleius. Understanding how these relationships have been studied by historians and the Human Sciences, as well as understand how this kind of literature has been analyzed by specialized historiography are also important issues of this study. In this research of historical character, we consider the nature of comedy and literary of the work, as well as the origin and social status of the author, moreover the social changing context in which it is inserted, because they are key issues for our review.

Keywords: Gender relations; Antiquity; representation

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

1. Introdução

O objetivo deste artigo é analisar uma passagem específica da obra *O Asno de Ouro*, de Apuleio, em que o autor apresenta o relacionamento erótico-afetivo de um cidadão romano com uma escrava. Compreender as críticas do autor e a multiplicidade de comportamentos no período do Império Romano, bem como desconstruir a concepção de modelo de conduta são de grande importância para a análise, que se segue, da passagem do livro.

Esta obra, escrita no século II d. C., foi provavelmente publicada no final da vida de seu autor. Nascido em Madaura, cidade do Norte da África, sob o domínio do Império Romano, Apuleio é, ao lado de Petrônio, um dos mais conhecidos autores do romance antigo em língua latina. Em nossa análise, levamos, em consideração o caráter satírico desta obra literária, o que implica reconhecer o frequente uso do sarcasmo e da ironia para exacerbar, através das paródias construídas, os vícios, os defeitos e os estereótipos dos personagens e dos eventos advindos das relações sociais presentes no mundo romano.

A historiografia sobre a Antiguidade vem apresentando uma mudança significativa desde meados do século XX, com a emergência de novas propostas e novos enfoques, o que têm suscitado reflexões sobre a cultura e as relações sociais em geral. Referem Pedro Paulo Funari e Renata Garraffoni: “essas mudanças são frutos de questionamentos epistemológicos que as Ciências Humanas têm enfrentado desde a década de 1960” (Funari; Garraffoni, 2008: 102). Esses questionamentos têm-nos levado a uma constante revisão dos conceitos consagrados, à crítica dos modelos interpretativos de cunho normativo, como também a uma abertura a temas até então pouco explorados. É nessa perspectiva que análises mais detalhadas da literatura como fonte documental começaram a proliferar.

Em relação aos novos temas que começam a ser explorados, os “estudos de gênero” têm aumentado substancialmente nos últimos anos, em razão de novas problemáticas que emergiram no século XX. De acordo com Margareth Rago (1998: 90), o estudo de gênero foi atualmente definido como o estudo da “construção social e cultural das diferenças sexuais”. Ou seja, o termo “gênero” não deve ser simplificado e utilizado apenas como um sinônimo de “mulheres”.

O significado de gênero não é fixo e muito menos biologicamente construído. É por isso que Joan Scott (1994: 12) define *gênero* como “[...] o saber a respeito das diferenças sexuais”. O *saber* significa, em sua análise, a “[...] compreensão produzida pelas culturas e sociedades sobre as relações humanas

[...]” (Scott, 1994: 12). Esse *saber* constitui-se como relativo, construído a partir das relações de poder histórica e socialmente situadas e determinadas; o *saber* é variável, dependendo de cada sociedade ou classe social.

Neste trabalho, o gênero, enquanto categoria de análise, é utilizado de modo a examinar as relações entre homens e mulheres presentes no romance de Apuleio. Porquanto, é a partir da visão de Apuleio que o relacionamento entre o protagonista Lúcio e a escrava Fótis é apresentado. As críticas desse autor ao relacionamento descrito não podem ser consideradas comuns a todo o pensamento do século II d. C. no Império Romano de forma homogênea, mas muito mais como indicativos da visão de mundo de Apuleio. Mas isso não deixa de indicar que esse tipo de pensamento pudesse estar também presente. Escreve Glaydson J. Silva: “Estes discursos não são relatos fiéis da vida cotidiana; há entre os autores e leitores uma cumplicidade, que se concretiza no humor” (Silva, 2001: 40), o que significa que, embora essa narrativa cômica reflita, de certo modo, preocupações próprias do autor da obra, ela pode também falar às aspirações de seus leitores.

Apesar disso, a obra de Apuleio não se restringe a esse ponto de vista, pois, ao adotar o artifício literário da metamorfose, o autor que faz de Lúcio um asno, o transforma em um observador incógnito de realidades sociais muito distantes do universo aristocrático, apresentando muitas vezes visões que diferem tanto da de Apuleio, quanto de seu protagonista, Lúcio. Então, apesar do cunho cômico de seu romance, é de extrema importância o estudo dessa obra para tentarmos entender as relações sociais presentes no mundo romano, como as relações de gênero que estudamos de modo mais específico.

2. Apuleio e suas *Metamorfoses*

O que se sabe sobre a vida de Apuleio é baseado no que ele mesmo deixou sobre si em suas obras, sobretudo na *Apologia* e nos *Florida* – obras em que busca o reconhecimento de sua qualidade de filósofo. Em *Apologia* revela que é proveniente de uma cidade da África romana, a colônia de Madaura (Madauruch na atual Argélia), e que sua família era descendente de númidas e gétulos², povos nativos da região (Brett; Fentress, 1996: 42). Além disso, “como cidadão da colônia, Apuleio era também cidadão romano, inscrito

² Apesar de Apuleio se definir como *seminumida et semigetulus*, La Rocca não exclui uma origem itálica. Ver: (La Rocca, 2005: 13); esp. n. 3.

provavelmente na tribo dos [imperadores] Flávios, a *Quirina*³” (La Rocca, 2005: 13). Nasceu provavelmente entre 114 e 125 d.C. e teria morrido no ano 170 (Silva, 2006: 23). Viveu então, entre os governos dos imperadores Adriano (117-138 d.C.) e Marco Aurélio (161-180 d.C.).

Apesar de muitos autores atribuírem a Apuleio o prenome Lúcio, não existe uma confirmação se esse era realmente seu nome, ou se foi apenas associado ao autor por causa do nome do personagem *Lucius* – protagonista de sua obra mais conhecida: *O Asno de Ouro* (Silva, 2006: 23). Em seus escritos não existe nenhuma referência nesse sentido.

Apuleio era membro de uma família de decuriões – *ordo decorionum* – ordem de nível local e elite dirigente da sua pequena cidade. Segundo Apuleio, seu pai ocupou vários cargos públicos, chegando a tornar-se *duúviro* – com esse cargo, o ápice da carreira municipal, o pai fazia parte do grupo mais restrito dos *principales*, os verdadeiros dirigentes municipais, que se destacavam mesmo entre os demais membros da cúria (La Rocca, 2006: 14). Depois de ter sido educado em sua cidade natal, Apuleio viajou para diversos lugares para completar sua instrução. Conheceu o Oriente, foi à Grécia, onde estudou filosofia e ter-se-ia aprofundado em platonismo. Viajou também à Itália e estudou Direito e Eloquência em Roma, além de ter estudado Retórica e Gramática em Cartago (Fantacussi, 2006: 42). Sabe-se também que Apuleio exerceu importante cargo sacerdotal em Cartago, através da obra *Florida*.

Apuleio viajava muito, conheceu diferentes regiões e culturas, e como destaca em *Apologia*, ele se iniciou em vários cultos místéricos. Segundo Semíramis Corsi Silva (2006: 101), geralmente, a expressão “religiões de mistérios” está relacionada ao culto de Isis, Mater Magna ou Mitra, de Dioniso Baco, e ao culto de Elêusis, que representa os ritos de mistérios propriamente ditos.

Quando se encaminhava para Alexandria, Apuleio parou em Oea – atual Trípoli na Líbia. Durante a estada na cidade, casou-se com uma viúva riquíssima, Emília Pudentila, mãe de um antigo amigo e discípulo. Foi acusado pela família da noiva de ter recorrido à prática de magia para conquistar a viúva e induzi-la ao casamento, tendo em vista sua fortuna. Como a punição para o uso de práticas mágicas era a morte, Apuleio foi seu próprio advogado, pois tinha facilidade na fala pela sua formação retórica, era brilhante e sabia persuadir. Durante o processo, protagonizou verdadeiros espetáculos, atraindo ao fórum todos os dias do julgamento multidões ávidas de o ouvirem.

³ Tradução nossa, do original: “Come cittadino della colonia, Apuleio era anche cittadino romano, iscritto probabilmente nella tribù dei Flavii, la Quirina.”

Apologia é a obra organizada a partir dos argumentos do discurso de autodefesa, e posteriormente foi elaborado e publicado na forma escrita. Nessa obra encontram-se informações importantes sobre a vida e a trajetória pública do autor.

O processo, que ocorreu, provavelmente, entre 157 e 158 d.C., foi arquivado por falta de provas. Posteriormente, Apuleio fugiu com a esposa da fama indesejável de Oea, já que o caso teve grande repercussão pública, mas sua eloquência e triunfos ficaram célebres. Foi então que seguiu para Cartago, lá exercendo o cargo de sacerdote.

3. O Asno que é de ouro

O Asno de Ouro teria sido a obra da maturidade do autor, posterior às suas longas viagens, escrita por volta dos anos de 160 e 170. Isso, somado à presença de grande conhecimento a respeito da magia e das religiões dentro da última obra, faz com que Vanessa Fantacussi (2006), em sua dissertação de mestrado, concorde com os autores que acreditam que o protagonista de *O Asno de Ouro* seja identificado como Apuleio: “As *Metamorfoses* constituem um complexo conjunto de aventuras, envolvendo significativamente as religiões do século II, que teriam sido absorvidas por Apuleio ao longo de suas viagens” (Fantacussi, 2006: 44). *O Asno de Ouro* teria sido, então, um reflexo de todas as viagens de Apuleio, uma espécie de autobiografia metafórica.

Entretanto, Fergus Millar (1981) argumenta que a narrativa básica do livro é uma tradução e adaptação de um curto livro grego, de Lúcio de Pátria, do século I d. C.. Dessa forma, a narrativa básica não seria original de Apuleio, apesar de algumas histórias terem sido adicionadas (como a de Eros e Psiquê) e o desfecho também ser diferente, pois na versão grega não existe um XI livro com a redenção do protagonista. Para Millar, o fato de existir a história precedente explica o porquê de a história da obra de Apuleio se passar em províncias no Centro e no Norte da Grécia (Hípata, Corinto, Concreias, entre outras) e não na África – sua pátria natal (Millar, 1981: 63). Além disso, o próprio Apuleio admite logo no começo do livro, que essa história teria vindo da Grécia: “Começamos aqui uma fábula grega” (tradução nossa), *Fabulam Graecanicam incipimus* (Apuleius, *Metamorphoses*, I, 1).

De fato, a narrativa de Apuleio pode ser considerada original por todas as adaptações feitas a partir da história base. Suas representações e críticas satirizadas da sociedade antiga são provenientes de uma visão e interpretação próprias.

Fantacussi destaca que a sátira latina surge em um período de mudanças políticas que levaram a mudanças culturais e cujo objetivo era ironizar a sociedade e as mudanças da época, combinando diversos fatores de cunho político, econômico, ético, religioso, ideológico entre outros que compõem o contexto e justificam o produto literário final (Fantacussi, 2006: 46). Dessa forma, mesmo que o romance de Apuleio seja uma reinterpretação de uma obra grega, o autor latino compõe sua narrativa a partir de temas ou sentidos que estão presentes e seriam mais habituais ao seu cotidiano e que são indicativos de sua visão de mundo.

O livro que primeiramente se chamou *Metamorfoses*, e, ao longo do tempo, recebeu outros títulos por seus tradutores, como *Lúcio*, *O Asno*, *O Asno de Ouro*, está ligado a certo mistério, envolto em tantas denominações. “Parece provado que o nome pelo qual é mais conhecido modernamente – *O Asno de Ouro* – veio de uma aposição do restritivo ‘de Ouro’ ao nome primeiro de ‘Asno’”, explica Ruth Guimarães – como escreveu no prefácio da edição brasileira – e continua, “porque se tratava de uma história de *ouro*, para ser lida, de *ouro* para ser apreciada, de *ouro* porque de ouro mesmo, tão extraordinária era; e o restritivo implica num julgamento” (Guimarães, 1969: 7).

O Asno de Ouro, obra narrada em primeira pessoa, trata da história de Lúcio, um moço viajante de alta condição social e de boa família; um rapaz de uma curiosidade infinita, que viaja de sua pátria para Tessália (considerada a terra das artes mágicas). Ao passar por Hípata, é hospedado em casa de Milão e de sua esposa, mulher conhecida na cidade como uma feiticeira. Vive um romance com uma escrava de nome Fótiis, que o ajuda a roubar um tipo de poção mágica de sua ama para transformar o protagonista em um pássaro. Porém, ao passar o unguento pelo corpo, Lúcio se transforma em um burro. Desfazer a metamorfose não seria difícil, pois ele precisaria apenas comer rosas para voltar a ser um homem. No entanto, ao ir à estrebaria, para esperar o raiar do dia e a escrava Fótiis poder trazer-lhe as rosas, Lúcio é levado por um grupo de bandidos que acabavam de assaltar a casa, juntamente com seu cavalo, outro burro e toda a prataria furtada. Assim começam as aventuras e desventuras de um burro que um dia fora gente para conseguir encontrar as tais flores que o fariam voltar a sua verdadeira forma.

Ao longo da história o burro Lúcio viaja para várias cidades e encontra-se envolvido nos mais variados grupos sociais, desde bandidos salteadores até riquíssimos comerciantes. São narradas muitas histórias, algumas pelo próprio Lúcio, outras pelos personagens observados pelo protagonista. Outras, ainda, são narradas como acontecimentos de que Lúcio apenas ouviu falar.

Ao final da trama, no livro XI, Lúcio tem um sonho em que a deusa Isis explica o que ele deve fazer para conseguir se transformar novamente em humano. Depois de seguir o que a deusa lhe aconselhou em sonho, o protagonista chega ao caminho de suas tão esperadas rosas, acabando com o feitiço e conseqüentemente desfazendo a metamorfose que o fizera burro. Quando volta à forma humana, Lúcio, agradecido pela ajuda da deusa, passa a se dedicar totalmente ao culto de Isis, terminando a história como sacerdote consagrado e iniciado nos “cultos místéricos”.

O livro conta tais fatos e várias outras histórias, todas em tom de ironia. Pitoresco e colorido, fantástico e erótico, assim melhor se descreveria essa narrativa cômica. É a partir dessas histórias narradas de forma satírica que podemos analisar as representações feitas pelo autor sobre o mundo antigo.

4. Romance com uma escrava

Na história do livro *O Asno de Ouro*⁴ Apuleio faz o protagonista Lúcio se apresentar como pertencendo a uma classe social elevada, e possuindo como ancestrais maternos dois personagens históricos reais: Plutarco e seu sobrinho, o filósofo Sextus (Apuleio, *Metam.* I, 2). Para Fergus Millar, essa mistura de elementos reais no meio da narrativa fictícia é uma das questões mais interessantes na obra, pois permite estender as visões do real nela presentes sobre as relações sociais e econômicas em uma província romana, porquanto tanto a história original grega, quanto a versão de Apuleio teriam sido fixadas no presente imediato do período do Império Romano (Millar, 1981: 63; 65-66). A alta posição social do protagonista também pode ser observada quando o personagem encontra Birrena, que explica que a posição social entre ela e a mãe de Lúcio diferem por causa do melhor casamento desta última: “Não há diferença entre nós, senão a posição social, pois tua mãe desposou um alto personagem e eu um simples cidadão” (Apuleio, *Metam.* II, 3).

O protagonista estava viajando em direção à Tessália – região Norte da Grécia, de onde Lúcio refere originária a sua família – a negócios, quando fatigado resolveu fazer uma pausa para que ele e seu cavalo pudessem descansar. Parou então em Hípata – cidade mais importante da Tessália – e buscou saber onde se localizava a casa de Milão, um dos mais famosos

⁴ Para este trabalho, utilizamos a tradução direta do latim para o português de Ruth Guimarães, da obra *O Asno de Ouro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1969. Todas as citações em português são desta edição, excetuando-se aquelas que indicarmos. As passagens em latim são da edição bilingue (latim-inglês) de *Metamorphoses*. Editado e traduzido por J. Arthur Hanson. Londres: LOEB, 2001. Volumes I e II.

cidadãos. Lúcio trazia consigo uma falsa carta de recomendação, assinada por um tal Demeias de Corinto para que fosse bem recebido na casa de Milão. Logo que chega Lúcio conhece Fótis a escrava da casa de seu anfitrião, o protagonista se encanta pela bela moça e faz de tudo para conquistá-la. A escrava é descrita como uma moça jovem de longos cabelos negros e de boa aparência. Neste estudo trataremos de duas passagens em que o protagonista Lúcio, ainda em forma humana, vive um romance com a escrava.

A análise dessas passagens nos possibilita uma visão que difere da perspectiva paternalista e generalizante sobre Império Romano defendida por Paul Veyne na *História da vida privada*. Esse autor apresenta as mulheres romanas como permanentemente subordinadas às decisões de seus pais ou maridos (Veyne, 2009: 43; 49), tendo autonomia na direção da casa apenas quando era julgada digna de tanto (Veyne, 2009: 75). Para Veyne, dessa submissão excetuavam-se apenas as ricas viúvas ou virgens “mães de família”, que se tornavam donas do patrimônio, entretanto não eram vistas do mesmo modo que um homem que tivesse enviuvado e, portanto, não deveriam agir da mesma forma: “As ligações das moças, em contrapartida, deviam permanecer em segredo [...]” (Veyne, 2009: 77-78). A essa conjectura soma-se a sujeição da mulher ao homem também no ato sexual, pois, segundo Veyne, na Antiguidade as mulheres deveriam ser servas dos seus homens, não sendo bem visto o contrário, ou seja, que o homem se dispusesse a dar prazer a outrem: “Ser ativo era ser macho, qualquer que fosse o sexo do parceiro passivo [...]” (Veyne, 2009: 185).

Esse tipo de visão tradicional não compreende a complexidade das relações de gênero e do papel feminino na Antiguidade, pois as apresenta de uma maneira muitas vezes fixa e homogênea. Através da literatura satírica romana, como já foi discutido anteriormente, é possível contrapor esse “discurso antropocêntrico” (Cavicchioli, 2003: 291) que privilegia os homens e acabam por colocar as mulheres em segundo plano.

5. Jogos de conquista

Um exemplo que podemos evidenciar para demonstrar a contradição do discurso tradicional está presente no trecho a seguir da obra de Apuleio, que sugere jogos de conquista entre os personagens e um possível enamorar de Lúcio por Fótis.

Lúcio voltava à casa de seu anfitrião depois de um passeio ao mercado onde teve a surpresa de conhecer Birrena, uma mulher que se apresentou

como irmã de sua mãe (Apuleio, *Metam.* II, 2), ela o levou para conhecer sua casa; enquanto conversavam, a mulher o alerta sobre o perigo que corria em ficar perto de Panfília, a esposa de Milão. Birrena a acusa de ser uma *feiticeira de primeiro nome*⁵ e por isso ele deveria tomar cuidado. Com a conversa Lúcio, fica mais curioso do que amedrontado – mal sabia ele que seria essa curiosidade que o transformaria em asno – e volta para casa de Milão, onde encontra apenas Fótis.

“Assim deliberando comigo mesmo, cheguei à porta da casa de Milão, louvando-me em minha opinião, como se diz. De resto, não encontrei na casa nem Milão, nem sua mulher, mas somente minha cara Fótis. Ela preparava para seus amos um prato de carne com linguiça picada miúdo, com um refogado e um pastelão de carne de conserva, tudo muito saboroso, o que se podia adivinhar pelo cheiro. Estava graciosamente ataviada com uma túnica de linho. Uma faixa de um vermelho vivo lhe cingia o talhe, à altura dos seios. Com suas mãos pequenas, mexia a panela, e enquanto acompanhava esse movimento circular com rápidas sacudidelas, fazendo deslizar seus membros com delicadeza, o ligeiro maneiço dos rins fazia vibrar docemente a espinha móvel, obrigando-a a ondular com graça. Vendo isso, a surpresa e a perturbação me sacudiram e me pregaram no lugar. Meu corpo ficou tenso pela emoção, até naquelas partes que no momento anterior estavam mais inertes. Por fim, eu lhe disse: “com que lindo movimento do traseiro e com que graça, adorável Fótis, tu mexes essa caçarola! Que fino cozido preparas! Feliz, sim certamente, e favorecido pelo destino, aquele a quem permitires enfiar o dedo aí”.

Então, a lépida e maliciosa menina disse: “Salva-te, desgraçadinho, arreda-te para bem longe do meu fogão. Se a menor faísca te atingir, queimarás até a medula, e ninguém extinguirá o braseiro, se não eu, que conheço as boas receitas e sei fazer dançar agradavelmente uma caçarola – e um leito” (Apuleio, *Metam.* II, 7).

Nesse trecho demonstra-se a paixão por parte de Lúcio pela escrava da casa de seu anfitrião. É possível observar a emoção do protagonista, principalmente ao elogiar efusivamente o prato que Fótis preparava para seus amos. Ou seja, Lúcio está tão tomado por esse sentimento de desejo que qualquer que fosse a comida que ela preparasse, seria com certeza a mais apetitosa, já que seu maior interesse era admirar o movimento do corpo da jovem, causado pelo preparo da comida.

Então um homem tomado de afeto? E ainda por uma escrava? O fato de Lúcio demonstrar esses sentimentos é sem dúvida diferente do que Paul Veyne (2009: 48) apresenta como o tradicional em um cidadão romano: “O

⁵ Tradução do latim: *Maga primi nominis* (Apuleio, *Metam.* II, 5)

ideal greco-romano de autodomínio, de autonomia, estava ligado à vontade de exercer também um poder sobre a vida pública (ninguém é digno de governar se não sabe se governar)”. Segundo Lourdes C. Feitosa (2008: 87), Veyne “acata” a definição foucaultiana de um ideal greco-romano de “domínio sobre si mesmo”, cuja tese está associada à função de comando do homem aristocrático, e que sugere uma naturalização da passividade pelos seus “comandados”. E conforme a “nova moral” do Império, Veyne destaca que é dever da mulher, “conhecendo sua inferioridade natural, obedecer” (Veyne, 2009: 47).

Desse modo, a confissão do sentimento amoroso por uma mulher romana é considerado um ultraje: o homem viraria um “servo” dessa mulher, uma vez que “a paixão amorosa é ainda mais temível, pois torna um homem livre escravo de uma mulher, ele a chamará ‘senhora’ [...]” (Veyne, 2009: 186). Esse sentimento demonstrado por uma escrava seria, nessa visão, uma fraqueza maior e mais humilhante ainda, porquanto “o escravo é inferior por natureza” (Veyne, 2009: 62), o que faria a paixão por uma mulher escrava uma situação ainda mais degradante para um homem. No entanto, o personagem não parece importar-se nem se considerar em situação humilhante, ao contrário continua com os jogos de conquista.

Logo quando a escrava responde ao comentário de Lúcio pode-se perceber uma relação de autoridade referente ao jogo de sedução, que Lúcio não parece desgostar, visto que na continuação do livro o personagem até acata a “ordem” dessa escrava. “Salva-te desgraçadinho, arreda-te para bem longe do meu fogão” – uma expressão como esta não seria aceita vinda de uma escrava ao se referir a um cidadão, segundo o modelo de virilidade e dominação masculina defendido por Veyne. Certamente, seria vista como afronta ou, no mínimo como resposta audaciosa a forma como a escrava se refere ao convidado do dono da casa, e o enxota da cozinha.

Todo esse modelo de conduta referente ao domínio de si e dos sentimentos de desejo não fica evidente na passagem e no diálogo entre Lúcio e Fótis. Ao contrário, com a mesma malícia que Lúcio direciona sua fala (e suas intenções) à escrava – “com que lindo movimento do traseiro e com que graça, adorável Fótis, tu mexes essa caçarola! [...] Feliz, sim certamente, e favorecido pelo destino, aquele a quem permitires enfiar o dedo aí” – Fótis também manifesta em sua resposta e demonstra que o desejo é recíproco, de modo a deixar Lúcio instigado ao próximo encontro com a escrava: “[...] sei fazer dançar agradavelmente uma caçarola – e um leito”.

Portanto, mesmo que Apuleio possa escandalizar-se com a conduta de seu personagem, para Lúcio esse comportamento não parece incomum, pois desenvolve-se com naturalidade no desenrolar da história.

6. Submissão ou dominação?

A segunda passagem a ser analisada se refere à primeira noite de Lúcio e Fótis. Quando o protagonista se retirou para o quarto, a escrava já havia arrumado tudo para o “encontro noturno” do casal, incluindo as sobras da ceia, vinho e água para temperá-lo. Depois de deitar sua senhora, Fótis se dirigiu ao quarto arrumado para a noite e ao encontro de Lúcio, e juntos beberam o vinho, que segundo Lúcio, acrescia o ardor de seus desejos (Apuleio, *Metam.* II, 16). Aqui evidenciamos outro exemplo que se pode destacar como contradição do discurso tradicional que trata a mulher como apenas serva do homem e submissa às ordens deste:

“Um instante depois, removido todo o arranjo da mesa, despojada de todos os véus, com a cabeleira desnastada, no mais amável abandono, Fótis me aparecia como a própria Vênus, quando emerge das espumas do mar, e tal como a deusa, muito de indústria e não por pudor, sombreando com seus dedos de rosa a brancura polida do sexo. “À luta”, disse ela, “à luta mais forte, pois por mim não recuarei nem voltarei as costas. Se és homem, avança direto para frente e combate face a face. Ataca sem desfalecimento e mata como quem deve morrer: a batalha de hoje é sem tréguas.” Assim disse; subiu ao leito, acocorou-se sobre mim pouco a pouco, e, agitando o torço delicadamente com lúbrico gestos e rápidos sobressaltos, ela me dispensou, com movimentos de pêndulo, os dons de Vênus, até o momento em que esgotados, ambos no fim das forças, com os membros laços, caímos ofegantes nos braços um do outro. Tais foram os prêmios que nos mantiveram despertos até quase a madrugada. Por vezes, pedíamos ao vinho novo ânimo para nossa lassidão, estímulos para os nossos desejos, excitantes para as nossas volúpias. E a esta noite se juntaram para nós muitas outras do mesmo gênero.” (Apuleio, *Metam.* II, 17).

Esta passagem é significativa porque nos permite questionar a interpretação proposta por Paul Veyne a partir de um ideal de comportamento normativo e elitista. De acordo com Veyne (2000: 196), é errônea a ideia de que a Antiguidade tenha sido um “paraíso da não repressão”. Tese defendida por alguns autores que dividem a história de Roma em três grandes períodos e definem a Roma Imperial como desvirtuada moralmente e cheia de vícios, onde o amor, enquanto definição de sentimento, era ignorado e a prática sexual era desregrada:

“Dentre esses autores é nítida a distinção entre sentimento amoroso e prática sexual. A diferença é que enquanto Galán reconhece o amor como um sentimento vivenciado entre homens romanos, para Robert e Quingnard a afetividade, mais do que inapropriada, seria abominável para os latinos” (Feitosa, 2008: 86).

A ideia de “devassidão” dos costumes romanos é repudiada por Veyne (Feitosa, 2008: 87), o qual destaca que se poderia reconhecer um libertino pela violação de três proibições: fazer amor antes do cair da noite; fazer amor sem criar penumbra; fazer amor com uma parceira que ele havia despojado de todas as vestes (Veyne, 2009: 184).

No entanto, não é o que fica aparente no trecho da obra de Apuleio. Os dois amantes parecem não se importar com as tais “regras de conduta” que Veyne apresenta. O personagem Lúcio descreve a total nudez de sua companheira, demonstrando que, além da escrava ter sido despojada de todas as vestes, ele pode enxergá-la sem nenhum problema, ou seja, não existe a penumbra. Em outra passagem do livro, Lúcio descreve novamente a completa nudez do casal – “Despojando-nos de todas as vestes, abandonamo-nos desnudos aos transportes de Vênus” (Apuleio, *Metam.* III, 20) – deixando claro que o fato de Fótis ser descrita como completamente nua na passagem anterior não compreende um comportamento excepcional entre o casal.

Do mesmo modo, o ato sexual é visivelmente dirigido pela escrava, já que a posição superior no ato demonstraria um caráter de “dominação”. No entanto, Lúcio não se demonstra humilhado nem, aparentemente, se sente subjugado pela escrava; pelo contrário, deleita-se várias noites com sua amante.

Ainda segundo Veyne, na Antiguidade as mulheres deveriam ser servas dos seus homens, “a parceira está a serviço do prazer de seu senhor e vai ao ponto de realizar todo o trabalho; se ‘cavalga’ o amante imóvel é para servi-lo” (Veyne, 2009: 185). Nessa interpretação as mulheres não tinham o direito de realizar o ato por vontade e satisfação, seu papel era apenas servir e obedecer, chegando ao ponto de o homem “bater nessa escrava na cama sob o pretexto de se fazer obedecer” – tanto para as mulheres romanas (livres), quanto para as escravas – o que Veyne define como “ligeiro sadismo” dos romanos (Veyne, 2009: 185).

Entretanto, Marina Regis Cavicchioli, em um estudo publicado no livro *Amor, desejo e poder na Antiguidade*, critica esse conceito de submissão apresentado por Veyne: “A posição superior no ato sexual e seu caráter ativo parecem mais uma posição de ‘domínio’ do que de submissão” (Cavicchioli,

2003: 191), e continua sua crítica dizendo que “a submissão feminina está mais presente na interpretação proposta do que nas fontes documentais” (Cavicchioli, 2003: 292). A autora também acusa Veyne de recorrer apenas a Sêneca para tratar o *equus eroticus* como uma posição sexual malvista pela moral romana:

“[...] decorre um período [...] no qual o *equus eroticus* é mal visto [...] se a mulher o cavalgar será suspeita de abusar de sua qualidade de pessoa humana por se acreditar igual ao homem; Sêneca enraivece-se quando descobre que o vício chegou a um ponto tal que agora são as mulheres que cobrem os homens (*viros ineunt*)” (Veyne, 1990: 183, *Apud* Cavicchioli, 2003: 292).

Apesar de Apuleio condenar claramente essa “submissão” masculina, assim como a indignação de Sêneca, isso demonstra que esses autores não aprovavam a prática, mas não significa que essa reprovação seja compartilhada de maneira geral no Império Romano. Por conseguinte, a representação da cena pode estar ligada a uma atuação frequentemente observada pelo autor na vida amorosa no universo romano – como foi exposto na passagem, Lúcio não se importa de ser “dominado” pela escrava. O que pode ser também ressaltado pela análise de fontes materiais presentes principalmente nas paredes da cidade de Pompeia, cidade atingida pela erupção do vulcão Vesúvio no século anterior à obra de Apuleio. Segundo Cavicchioli (2003: 292), a posição sexual em que a mulher está por cima do homem é a mais representada nos afrescos encontrados nas casas da cidade – o que supõe que nem mesmo entre a elite romana a desaprovação dessa prática seja totalmente compartilhada. Nesse sentido, a utilização da sátira no contexto geral da obra reflete uma forma de crítica social.

7. Considerações finais

Concluimos nossa análise ressaltando a importância de *O Asno de Ouro* para o estudo das relações de gênero na Antiguidade romana. Nesta obra apresentam-se as visões de mundo de Apuleio, mas também opiniões de diferentes personagens cujos quais o autor dá voz na narrativa. O protagonista Lúcio é o principal exemplo dessa diferenciação de ideias, e é por essa razão que discordamos da teoria de que o livro seja uma “autobiografia metafórica” da vida de nosso autor e que Lúcio seja Apuleio.

Quando discordamos da visão de “domínio de si” de Veyne e das “regras de condutas” apresentadas por ele, não afirmamos que tais ideais não existissem, ou que a Antiguidade fosse mesmo um “paraíso da não repressão”.

Pelo contrário, na narrativa de Apuleio percebemos que sua crítica ao relacionamento do protagonista com a escrava é exatamente em relação à questão da conduta do personagem durante o romance. Na obra percebemos que esse ideal de conduta não se fazia presente efetivamente nas relações sociais na forma de regras de comportamento no cotidiano. Lúcio não se preocupa com elas, nem mesmo lembra que tais regras existem, encontra-se com Fótis que também se preocupa em buscar prazer em sua relação com Lúcio, e não apenas em servi-lo. Essa relação dos amantes e a forma de agir do personagem Lúcio eram vistas por Apuleio como reprováveis ao ponto de o autor sentir necessidade de satirizá-las. Na trama, Lúcio é um personagem insensato e impulsivo, não pensa sobre seus atos; é, ironicamente, por essa razão que se transforma em asno. De todo modo, apesar da reprovação do autor, a sátira não deixa de apontar para comportamentos observáveis que não se pautam obrigatoriamente em regras de conduta aristocráticas.

Em geral, os personagens femininos de *O Asno de Ouro* são dotados de características negativas, descritas como seres moralmente desvirtuados, sendo por vezes dominadoras e dissimuladas ou, em outras, extremamente passionais, ou seja, agem por impulso e não medem as implicações de suas escolhas, o que as faz, quase sempre, sofrer com as consequências. Enquanto que os homens são criticados por não controlar suas esposas e serem facilmente manipulados pelas mulheres. O olhar negativo de Apuleio para a relação entre homens e mulheres exalta a fragilidade de virtudes que ele enxerga em seu cerne, o que não significa que possamos construir um quadro de devassidão dos costumes a partir dessa visão. É nesse ponto que devemos levar em conta o contexto social do autor, que se revela um homem aristocrático que possivelmente usa da linguagem literária para defender certos valores morais.

É evidente, na obra *O Asno de Ouro*, que essa moral não era essencialmente compartilhada pelas classes mais baixas da sociedade. Nem mesmo por todos os indivíduos de classes mais altas, pois o personagem exposto nas passagens analisadas é apresentado como pertencente a camadas mais elevadas – Lúcio é descrito como descendente de Plutarco e Sextus.

A historiografia de gênero tem levado os historiadores a pensar na inserção da mulher na sociedade, visando um novo prisma para as análises. Os textos literários são, de fato, fontes riquíssimas para o estudo das relações sociais de diferentes contextos históricos. *O Asno de Ouro* de Apuleio, em específico, nos dá oportunidade de compreender um pouco melhor as representações que são feitas das mulheres sobre um prisma masculino do universo aristocrático – isto é, não sendo necessariamente uma visão compartilhada por todo o universo masculino da Antiguidade. Para isso, caso

se trabalhe com as representações de fontes literárias, especificamente, devem ser levadas em consideração questões que vão além da referência textual. O autor e seu contexto também representam grande importância na análise completa de nossa fonte, na tentativa de compor um estudo apurado da Antiguidade romana.

Referências

Fontes

Apuleio. (1969). *O Asno de Ouro*. Trad. Ruth Guimarães; Rio de Janeiro: Ediouro.

Apuleius. (2001). *Metamorphoses*. Books I-VI (vol I). Edited and Translated by J. Arthur Hanson. London: Loeb classical Library.

Apuleius. (2001). *Metamorphoses*. Books VII-XI (vol II). Edited and Translated by J. Arthur Hanson. London: Loeb classical Library.

Bibliografia

Brett, M; Fentress, E. (1996). Berbers in Antiquity. In Brett, M; Fentress, E. (Orgs.), *The Berbers* (pp. 10-49). Oxford: Blackwell.

Cavichioli, M. R. (2003). A posição da mulher na Roma antiga: do discurso acadêmico ao ato sexual. In Funari, P. P. A; Silva, G. J. da; Feitosa, L. C. (Orgs.), *Amor, desejo e poder na Antiguidade: Relações de gênero e representação do feminino* (pp. 287-296). São Paulo: Unicamp.

Fantacussi, V. A. (2006). *O culto da deusa Isis entre os romanos no século II: representações nas Metamorfoses de Apuleio*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis.

Feitosa, L. C. (2008). Paixão e Desejo na Sociedade Romana: Interpretações Historiográficas. In Funari, P. P. A; Silva, G. J. da; Martins, A. L. (Orgs.), *História Antiga: contribuições brasileiras* (pp. 79-92). São Paulo: Annablume.

Funari, P. P. A; Garraffoni, R. S. (2008). Gêneros e conflitos no Satyricon: o caso da dama de Éfeso. *História: Questões & Debates*, 48/49, 101-117.

Guimarães, R. (1969). O Homem de Madaura. In *Apuleio. O Asno de Ouro* (pp. 7-14). Trad. Ruth Guimarães; Rio de Janeiro: Ediouro.

La Rocca, A. (2005). Introduzione. In La Rocca, A. *Il Filosofo e la Città: Commento storico ai Florida di Apuleio* (pp. 11-78). Roma: L'Erma di Bretschneider.

Millar, F. (1981). The world of The Golden Ass. *The Journal of Roman Studies*. v. 7, 63-75.

Rago, M. (1998). Descobrindo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, v. 11, 89-98.

Scott, J. (1994). Prefácio à gender and politics of History. Tradução de Mariza Corrêa. *Cadernos Pagu*: Dossiê desencontro, desamores e diferenças, v. 3, 11-28.

Silva, G. J. da. (2001). *Aspectos de cultura e gênero na Arte de Amar, de Ovídio, e no Satyricon, de Petronio: representações e relações*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Silva, S. C. (2006). *Relações de poder em um processo de magia no século II d.C.: Uma análise do discurso Apologia de Apuleio*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Universidade Estadual Paulista, Franca.

Veyne, P. (2009). O Império Romano. In Ariès, P; Duby, G. (Coords.). *História da vida privada: Do Império ao Ano Mil* (pp. 17-212). São Paulo: Cia das Letras, v. 1.

Recebido: 27 de março de 2012

Aprovado: 19 de junho de 2012